



## GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

### Poéticas e apari es na demência e na etnografia

**Autoria:** Daniela Moreno Feriani

?  como se os fios fossem se soltando aos poucos.? É assim que a coordenadora da Associa o Brasileira de Alzheimer começa a falar sobre a doença para um grupo de cuidadores e familiares. Recolher os fios da doença, comp -los e desmanch -los tem sido o meu percurso etnográfico desde o doutorado e, agora, no pós-doc. Esse paper se propõe a experimentar algumas dessas composi es por meio de uma linguagem poética e de um pensamento visual através de fotografias, vídeos, gestos, bordados, blogs, metáforas, autobiografias e obras de arte encontrados ao longo da pesquisa. O que as imagens mostram em um contexto de lapsos e desaparecimentos?   possível falar em uma grafia-demente? E em uma etnografia assombrada? Ao longo desse percurso, proponho pensar tanto a demência quanto a etnografia como emaranhados e quimeras, um n  de rela es que faz aparecer aquilo que está invisível, possibilitando outros modos de ver, conhecer e descrever. O que a doença de Alzheimer me revelou do fazer antropológico ? e vice-versa? Como a travessia entre viver a doença e cont -la me ajudou a ver minha própria travessia entre viver o campo e cont -lo? Em uma doença cujos fios vão se soltando, em que a linguagem verbal e outros domínios cognitivos vão se perdendo, é fundamental criar outras estratégias para acessar o ?mundo   avessas? da demência, com outras referências e subjetividades. Assim, a tentativa é de propor outros resultados para a reflexão antropológica e superar desafios como o de investigar os limites e alcances da linguagem e o de incorporar pessoas em processo demencial como interlocutores de uma pesquisa.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

